

Retórica e Educação: uma Leitura do *Dialogus de Oratoribus*, de Tácito

Prof. Dr. Acácio Luiz Santos
Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO: Este artigo investiga o papel da retórica na educação romana de acordo com o *Dialogus de oratoribus*, de Tácito, enfatizando: a percepção da antiga educação; principais mudanças no treinamento de oratória, de Cícero à era de Vespasiano; e as visões antropológicas. Destarte, ele conta compreender o conceito de “retórica” de Tácito em seu contexto social específico.

PALAVRAS-CHAVE: Tácito; *Dialogus de oratoribus*; educação em Roma Antiga; vida cultural em Roma Antiga no século I d.C.

ABSTRACT: This article investigates the role of rhetoric in Roman education according to Tacitus' *Dialogus de oratoribus*, emphasizing: the perception of ancient education; main changes in oratory training, from Cicero to the Age of Vespasian (69-79A.D.); and the anthropological views. Thus, it aims to comprehend Tacitus' concept of “rhetoric” in its specific social context.

KEYWORDS: Tacitus; *Dialogus de oratoribus*; Ancient Rome education; Ancient Rome cultural life in the 1st Century A.D.

1. Introdução

Não constitui novidade afirmar a primordial importância atribuída à retórica em Roma Antiga, nem sua recepção e finalidades terem sofrido transformações significativas conforme os inesperados percalços da história, principalmente nos séculos Ia.C. e Id.C. No entanto, o estudo do papel atribuído a ela no processo de educação do homem culto permite ainda revelar surpreendentes e, por vezes, paradoxais relações com a filosofia e a história, demonstrando a riqueza e a complexidade do mundo das idéias na civilização romana. No intuito de contribuir um pouco para os estudos de cultura e história das idéias em Roma, portanto, este trabalho faz uma leitura da obra mais antiga de Tácito que chegou até os nossos dias, o *Dialogus de oratoribus*. “Supõe-se que a discussão reproduzida no diálogo tenha ocorrido aproximadamente em 75d.C., e a obra propriamente dita parece ter sido escrita por volta de 81” (HARVEY, 1998, p.162b); portanto, a égide do imperador Vespasiano (reinado 69-79d.C.), por trás da conversa mantida pelos quatro interlocutores, é decisiva no contexto das articulações de idéias em debate. Sem perder, portanto, esta visão de contexto, examino agora o debate de idéias no *Dialogus*, procurando enfatizar as visões sobre a retórica e seu papel na educação do homem romano, tal como defendidas pelos interlocutores, bem como a sua significação, por assim dizer, antropológica, esperando destarte alcançar os objetivos propostos aqui.

2. Primórdios da retórica em Roma antiga

O *Dialogus de oratoribus* trata de um assunto nem novo nem trivial na cultura romana. Conforme Suetônio, em sua obra sobre a retórica em Roma, sua chegada na cidade fora vista com desagrado por eminentes nomes da política e educação:

De eisdem interiecto tempore CN. Domitius Aenobarbus, L. Licinius Crassus censores ita edixerunt: «Renuntiatum est nobis, esse homines qui novum genus disciplinae instituerunt, ad quos inventus in ludum conveniat; eos sibi nomen imposuisse Latinos rhetoras; ibi homines adolescentulus dies lotos desiderare. Maiores nostri, quae liberos suos discere et quos in ludos itare vellent, instituerunt. Haec nova, quae praeter consuetudinem ac morem maiorum fiunt, neque placent neque recta videntur. Quapropter et iis qui eos ludos habent, et iis qui eo venire consuerunt, videtur faciendum ut ostenderemus nostram sententiam, nobis non placere.» (Suet, De Rhet, I) [edito de 671A.U.C., ou 82aC]

“Após algum tempo, os censores Cneu Domício Enobarbo e Lúcio Licínio Crasso editaram sobre o mesmo: «Foi-nos reportado haver alguns homens que instituíram um novo gênero de disciplina e aos quais freqüenta a juventude; terem eles a si mesmos imposto o nome de retóricos latinos; e homens adolescentes desejarem passar lá dias inteiros. Nossos ancestrais instituíram o que seus jovens devem aprender e a quais escolas devem ir. Estas coisas novas, que agridem, além das instruções, os costumes dos ancestrais, não agradam nem são vistas como corretas. Por conseguinte, emitamos nossa sentença para que, àqueles que mantêm essas escolas e àqueles que costumam ir a elas, deva ser notificado que a nós isto não agrada.» [Esta tradução, bem como todas as demais neste trabalho, são de minha própria lavra.]

A primeira visão sobre a retórica em Roma é, portanto, negativa: ela é vista como algo forasteiro, estranho às tradições educativas romanas que, desde sua fundação, significaram sua própria identidade. A violação aos antigos costumes pedagógicos parece instituir-se sob o fundamento da promiscuidade: nas primeiras escolas de retórica, os jovens passam lá todo o seu tempo, à maneira helenística, e isso parece sugerir ser a base da censura um temor de a influência helenística, vista com desconfiança, ameaçar dissolver a identidade romana ciosamente mantida por suas autoridades mais conservadoras, como quer que fosse, o próprio Suetônio admite seu prestígio ter aumentado em pouco tempo:

Quare magno studio hominibus iniecto, magna etiam professorum ac doctorum profluxit copia, adeoque floruit, ut nonnulli ex infima fortuna in ordinem senatorium atque ad summos honores processerint. Sed ratio docendi nec una omnibus, nec singulis eadero semper fuit, quando vario modo quisque discipulos exercuerunt. Nam et dicta praeclare per omnes figuras, per casus et apologos aliter atque aliter exponere, et narrationes cum breviter ac presse tum latius et uberius explicare consuerant; interdum Graecorum scripta convertere, ac illustres laudare vel vituperare; quaedam etiam ad usum communis vitae instituta tum utilia et necessaria, tum perniciosa et supervacanea ostendere; saepe fabulis

fidero firmare aut demere, quod genus thesis et anascenas et catascenas Graeci vocant (..) (Suet, De Rhet, I)

“Vindo assim ao grande interesse aos homens, uma grande quantidade de professores e doutos afluiu, e a tal ponto floresceu, que alguns vieram a prosperar de um ínfimo destino ao nível de senadores e a honras excelsas. No entanto, o modo de ensinar não era o mesmo para todos, nem era sempre o mesmo para cada um: exerciam vários modos conforme os vários discípulos. E, por sua vez, costumavam com excelência expor a matéria ora por meio de todas as figuras, ora por estórias e apólogos, e costumavam explicar narrativas com brevidade e concisão ou com maior amplidão e minúcia; algumas vezes costumavam traduzir escritos dos gregos, e a estes ilustres homens louvar ou censurar; costumavam também demonstrar, sobre assuntos da vida cotidiana, quais eram úteis e necessários, quais eram perniciosos e supérfluos; costumavam com freqüência dar crédito a fábulas ou atribuir dúvida a fatos, do gênero que os gregos chamam teses, de refutação ou de corroboração (..).”

A educação dos retóricos veio, assim, ao encontro dos interesses das classes mais instruídas em Roma na época republicana tardia, de adquirir rápido prestígio, o que levou os retóricos a diversificar suas lições e seus métodos para atender à variedade de capacidades e interesses dos inúmeros alunos que para lá afluíam. Chama a atenção os exercícios de teses, em que “fabulis fidero firmare aut demere” prepara a cultura romana para uma visão mais rigorosa e dialética de história; aliás, como reconhece Suetônio:

Veteres controversiae aut ex historiis trahebantur, sicut sane nonnullae usque adhuc, aut ex veritate ac re, si qua forte recens accidisset; itaque locorum etiam appellationibus additis proponi solebant. (Suet, De Rhet, I)

“Antigamente controvérsias eram trazidas ora de assuntos históricos, conforme alguns o fazem ainda hoje em dia, ora de coisas verdadeiras, que porventura tivessem ocorrido recentemente; costumavam ser estabelecidas com exatidão de lugares e denominações.”

A prática retórica, assim, focaliza a discussão de episódios históricos e da atualidade, o que irá contribuir também para a visão dialética tão própria dos historiadores romanos, de correlacionar vivamente o significado dos eventos passados com os problemas de sua época. Começa a delinear-se, por conseguinte, o papel da retórica dentro do contexto histórico e social romano, como um meio eficaz de interpretação dos fatos e obtenção de proveitos a partir deles. De uma forma ou de outra, este papel orientará a discussão sobre a retórica representada no *Dialogus de oratoribus*, que passo agora a examinar.

3. A retórica em discussão

O *Dialogus de oratoribus*, de Tácito, inicia-se com o autor dirigindo-se a um personagem, Justo Fábio, que lhe indagara o porquê do declínio da arte oratória na Roma contemporânea, anunciando ser o propósito da obra responder exatamente àquela questão:

Saepe ex me requiris, Iuste Fabi, cur, cum priora saecula tot eminentium oratorum ingeniis gloriaque floruerint, nostra potissimum aetas deserta et laude eloquentiae orbata vix nomen ipsum oratoris retineat; neque enim ita appellamus nisi antiquos, horum autem temporum disertis causidici et advocati et patroni et quidvis potius quam oratores vocantur. (Tac, De Orat, I)

“Com freqüência a mim requeres, ó Justo Fábio, por que, tendo a glória e o engenho de tantos oradores eminentes florescido desde os primeiros séculos, nossa época é sobremodo árida e destituída tanto de louvor quanto de eloqüência, que ao próprio nome de orador mantenha a duras penas; pois, de veras, não o aplicamos exceto aos antigos, enquanto que os dissertadores de hoje são chamados causídicos, e advogados, e conselheiros, e o que mais possa, que oradores.”

O trecho acima reflete um tópico recorrente em boa parte dos principais autores latinos do século Id.C.: a idéia de decadência, de uma Roma de algum modo inferior em relação ao século antecedente. Tendo vindo dos turbulentos anos do fim da dinastia júlio-claudiana e do sangrento 69d.C., “ano dos quatro imperadores”, o restabelecimento da ordem com a ascensão de Vespasiano e o início da dinastia flaviana devolveu as esperanças dos homens cultos em Roma de resgate de seu antigo esplendor; no entanto, a desconfiança contra os estóicos, muitos dos quais professores de retórica e, portanto, mestres de muitos oradores, tornava talvez problemático chamar qualquer um orador, o que talvez explicasse a situação descrita por Tácito (lembrando sempre ser o *Dialogus* um produto dos anos 70 de seu século). Tal desconfiança era compartilhada pelo próprio Vespasiano, que tinha desafetos entre os estóicos, como se lê em Dio (Hist.Rom., LXVI, 12). Este mesmo autor, escrevendo um século após Tácito observa ainda sobre os estóicos: “These men, abusing the title of philosophy, kept teaching their disciples publicly many pernicious doctrines, and in this way were gradually corrupting some.” (Hist.Rom., LXVI, 13) (“Estes homens, abusando do título de filosofia, permaneceram ensinando em público, a seus discípulos, muitas doutrinas perniciosas e, desta forma, gradualmente iam corrompendo alguns.”) Dando início ao diálogo propriamente, à casa de Curiácio Materno, poeta trágico, acodem Marco Áper, Júlio Segundo e Tácito, que não participa do diálogo como interlocutor. Áper apresenta-se insatisfeito com a aparente decisão de Materno, de iniciar carreira literária, lamentando com isto ele vir a negligenciar uma brilhante carreira jurídica:

(..) sed ipsum solum apud [omnes] arguam, quod natus ad eloquentiam virilem et oratoriam, qua parere simul et tueri amicitias, adsciscere necessitudines, complecti provincias possit, omittit studium, quo non aliud in civitate nostra vel ad utilitatem fructuosius [vel ad voluptatem dulcius] vel ad dignitatem amplius vel ad urbis famam pulchrius vel ad totius imperii atque omnium gentium notitiam inlustrius excogitari potest. Nam si ad utilitatem vitae omnia consilia factaque nostra derigenda sunt, quid est tutius quam eam exercere artem, qua semper armatus praesidium amicis, opem alienis, salutem periclitantibus, invidis vero et inimicis metum et terrorem ultro feras, ipse securus et velut quadam perpetua potentia ac potestate munitus? (Tac, De Orat, V)

“(..) mas a ele próprio somente diante de todos eu acuse, pois naturalmente dotado para a eloquência viril e oratória, pela qual estabelecerá e assim manterá amizades, satisfará necessidades, e terá conquistado províncias, abandona o estudo, do qual não há outrem em nossa cidade que possa imaginar mais abundante de serventias, mais doce de prazeres, mais repleto de honrarias, mais atente de fama na cidade, mais ilustre em todo o império e em todos os povos conhecidos. Se, pois, todos os nossos atos e planos devem ser dirigidos para a utilidade na vida [prática], o que é mais garantido do que exercer essa arte, pela qual sempre se pode prover proteção aos amigos, ajuda aos estrangeiros, assistência aos ameaçados, temor e terror verdadeiramente próprio das feras aos inimigos e invejosos, e pela qual sempre se pode manter a si próprio seguro e, de certa forma, com perpétuo poder e potestade?”

O fundamento argumentativo de Áper é estar Materno a negligenciar uma carreira vantajosa em proveito da literária. Esta passagem é importante por associar positivamente o prestígio da oratória mesmo após a agitada década anterior, bem como ser a formação oratória condição para ascensão social. A formação oratória também assegura ao homem manter-se, como afirma o fim do trecho, “potentia ac potestate”, o que lhe dá igualmente relevância política. Prossegue Áper:

Cuius vis et utilitas rebus prospere fluentibus aliorum perflugio et tutela intellegitur: sin proprium periculum increpuit, non hercule lorica et gladius in acie firmius munimentum quam reo et periclitanti eloquentia, praesidium simul ac telum, quo propugnare pariter et incessere sive in iudicio sive in senatu sive apud principem possis. (Tac, De Orat, V)

“Na abundância de prosperidade, entende-se a força e a utilidade dessa arte pelo apoio e tutela aos outros: se um perigo nos sinaliza, ao hercúleo guerreiro a cota e a espada no campo de batalha não são proteção mais firme que ao réu em apuros a eloquência, a um tempo arma e abrigo, para igualmente defender ou atacar seja no foro, seja no senado, seja diante do imperador.”

Como correlato à relevância política, a formação retórica é uma arma versátil, que serve tanto ao ataque quanto à defesa, “praesidium simul ac telum”. Sua valorização vai, assim, ao encontro do paradigma ideal de homem romano, que atualiza o fim último da vida prática, pela harmonia de razão e linguagem: “A sabedoria da vida é transmitida justamente nesses dois registros, a razão e a linguagem.” (VAZ, 2002, p.52) A retórica delinea-se, portanto, como capaz de viabilizar o “problema da existência e natureza do *sujeito ético*, homólogo ao *universo ético*, participando, de alguma maneira, de sua *universalidade* transempírica e constituindo, como tal, o indivíduo da *comunidade ética*.” (VAZ, 2002, p.65) Mas, em sua réplica, Materno aponta outro caminho:

Nemora vero et luci et secretum ipsum, quod Aper increpabat, tantam mihi adferunt voluptatem, ut inter praecipuos carminum fructus numerem, quod non in strepitu nec sedente ante ostium litigatore nec inter sordes ac lacrimas reorum componuntur, sed secedit animus in loca pura atque innocentia fruiturque sedibus sacris. Haec eloquentiae primordia, haec penetralia; hoc primum

habitu cultuque commoda mortalibus in illa casta et nullis contacta vitii pectora influxit: sic oracula loquebantur. Nam lucrosae huius et sanguinantis eloquentiae usus recens et ex malis moribus natus, atque, ut tu dicebas, Áper, in locum teli repertus. (Tac, De Orat, XII)

“Em verdade, as florestas, os olivais e o próprio recolhimento, que Áper denunciava, a mim trouxeram tanto prazer, que eu deva contar entre os frutos principais da poesia que ela seja composta não em [meio à] algazarra, nem com um litigante sentado à sua porta, nem entre a miséria e as lágrimas dos réus, mas [quando] a alma se recolhe em lugares puros e inocentes e aproveita um sagrado descanso. Eis os primórdios da eloquência, eis seus domicílios; em primeiro lugar, por meio de hábitos e costumes, ela infundiu vantagens aos mortais, em seus peitos castos e não contaminados por nenhum vício; desta forma falavam os oráculos. Por sua vez, o uso da eloquência interesseira e sanguinária é recente e nascido dos maus costumes; todavia, como dizias, Áper, neste emprego serve de arma.”

Para Materno, a eloquência possui duas faces, por assim dizer, antagônicas: aquela vigente no centro da urbe, “lucrosa et sanguinans”, que serve predominantemente ao ataque, afirmação do não-ser, do estado de decadência, ainda, portanto, atuante, a despeito dos esforços, de Vespasiano. Destarte, o caminho para a afirmação do ser é o retiro, à moda vergiliana, para que seja fruído o “sedibus sacris” e o homem retome o contato com a verdadeira eloquência, e a poesia, aqui, aparece como sua expressão lingüística mais fiel. Ambos, portanto, Áper e Materno, reconhecem a importância da formação retórica para a consolidação do mais elevado paradigma humano. Assim que Materno encerra sua fala, chega outro amigo, Vipstano Messala (livro XIV). Este, na qualidade de admirador da retórica antiga, é também repreendido por Áper, que, procurando matizar a exuberância oratória do século anterior, considera os gostos e os interesses próprios de cada época, e sustenta:

(..) hoc interim probasse contentus sum, non esse unum eloquentiae vultum, sed in illis quoque quos vocatis antiquos plures species deprehendi, nec statim deterius esse quod diversum est, vitio autem malignitatis humanae vetera semper in laude, praesentia in fastidio esse. Num dubitamus inventos qui prae Catone Appium Caecum magis mirarentur? Satis constat ne Ciceroni quidem obrectatores defuisse, quibus inflatus et tumens nec satis pressus, sed supra modum exsultans et superfluens et parum Atticus videretur. (Tac, De Orat, XVIII)

“(,) neste ínterim, estou contente de ter provado não ser próprio da eloquência uma face apenas, e que mesmo quanto àqueles que chamais antigos, várias espécies podem ser depreendidas; e também não se sustenta ser inferior o que é diverso, sendo vício da malignidade humana serem as coisas antigas sempre [objeto] de louvor e as presentes, de queixa. E acaso duvidamos que tivessem sido mais admiradas as invenções de Ápio Cego que as de Catão? Ademais, consta nem a Cícero terem faltado detratores, pelos quais era visto como inchado e pomposo e não suficientemente conciso, mas sobremodo prolixo e supérfluo e muito pouco ático.”

A argumentação de Áper procura reconhecer a variedade como própria da retórica, não só em sua época, mas nas demais, além de lembrar que os próprios antigos se criticavam, às vezes acrimosamente. Como evidência, ele cita os próprios ataques sofrido por Cícero, da parte de seus contemporâneos. Tendo assim demonstrado como a dinâmica histórica da retórica obedece a um padrão comum pautado pela variedade e florescimento simultâneo de espécies antagônicas, Áper atribui a maior valorização da retórica antiga a um “vitio malignitatis humanae”, que arbitrariamente desvaloriza seu próprio presente em proveito de um passado cuja dinâmica já está, no entanto, concluída. Mais adiante, Áper afirma, dos antigos:

Facile perferebat prior ille populus, ut imperitus et rudis, impeditissimarum orationum spatia, atque id ipsum laudabat, si dicendo quis diem eximeret. Iam vero longa principiorum praeparatio et narrationis alte repetita series et multarum divisionum ostentatio et mille argumentorum gradus, et quidquid aliud aridissimis Hermagorae et Apollodori libris praecipitur, in honore erat; quod si quis odoratus philosophiam videretur et ex ea locum aliquem orationi suae insereret, in caelum laudibus ferebatur. Nec mirum; erant enim haec nova et incognita, et ipsorum quoque oratorum paucissimi praecepta rhetorum aut philosophorum placita cognoverant. (Tac, De Orat, XIX)

“Aquele povo de outrora, inábil e rude que fosse, facilmente suportava a [longa] duração de orações truncadíssimas, e, no entanto, isso próprio louvava, se o falante lhes tomava um dia. E, em verdade, tinha-se em apreço a longa preparação das preliminares, uma série repetida de narrativas em voz alta e a ostentação de muitas divisões e mil graus de argumentos, e o que quer que mais fosse prescrito pelos livros aridíssimos de Hermágoras e Apolodoro; quem quer que fosse visto como perfumado em filosofia e quem dela inserisse um lugar-comum em sua oração era levado aos céus em louvores. E não é de se admirar: tais coisas eram, em verdade, novas e desconhecidas; e também, dos próprios oradores, pouquíssimos haviam estudado os preceitos dos retóricos ou as máximas dos filósofos.”

Ao contrário do que a posição de Messala deixa implicar, os antigos se encontravam, conforme Áper, numa posição inferior culturalmente, como povo “imperitus e rudis”, capaz, portanto, de deixar-se enlevar por encantos superficiais. A crítica de Áper, destarte, focaliza agora o problema da recepção da retórica antiga. A mítica exaltação desta aparece como consequência da incultura do povo, que acriticamente erguia “in caelum laudibus” os elaboradores de discurso. Os ouvintes da época de Áper, mais cultos, aparecerão, por sua vez, como mais exigentes, e a retórica, dentro deste contexto, será muito mais rigorosa e, portanto, melhor que a antiga. Pelo ângulo da recepção, a retórica da época atual acaba demonstrando, pois, sua superioridade em relação à antiga. A palavra passa agora a Messala; ele demonstrará, agora, que a excelência da retórica provém, não do mecânico acúmulo de cultura, mas do correto ensino da mesma. Esta formação retórica atinge seu ápice justamente em meados do século Ia.C., quando, estimulados justamente pelas escolas de retórica, os educadores romanos perceberam as vantagens do método:

Hoc sibi illi veteres persuaserant, ad hoc efficiendum intellegebant opus esse, non ut in rhetorum scholis declamarent, nec ut fictis nec

ullo modo ad veritatem accedentibus controversiis linguam modo et vocem exercerent, sed ut iis artibus pectus implerent, in quibus de bonis et malis, de honesto et turpi, de iusto et iniusto disputatur; haec enim est oratori subiecta ad dicendum materia. (Tac, De Orat, XXXI)

“Disto os antigos se persuadiram, e compreenderam que, para este resultado ser produzido, não apenas declamassem nas escolas de retóricos, nem apenas exercitassem a um só tempo a língua e a voz em controvérsias fingidas sem qualquer relação com a verdade, mas inflassem o peito por aquelas artes nas quais se debate sobre o bem e o mal, sobre o honroso e o torpe, sobre o justo e o injusto; esta, de fato, é a matéria a ser aprendida pelo orador para seus propósitos.”

Portanto, é somente quando, saindo da imitação do modelo helenístico, a educação retórica passa a focalizar a realização ética, que ela se reintegra ao paradigma antropológico romano. As controvérsias deixam de ser exercícios gratuitos de argumentação e passam a tratar de questões centradas em torno do bem agir. Esta, pois, é a razão de sua superioridade. Como parte do processo educativo, em oposição ao modelo helenístico, a formação retórica romana volta-se para o local em que seus ensinamentos serão postos em prática:

Ergo apud maiores nostros iuvenis ille, qui foro et eloquentiae parabatur, imbutus iam domestica disciplina, refertus honestis studiis deducebatur a patre vel a propinquis ad eum oratorem, qui principem in civitate locum obtinebat. Hunc sectari, hunc prosequi, huius omnibus dictionibus interesse sive in iudiciis sive in contionibus adsuescebat, ita ut altercationes quoque exciperet et iurgiis interesset utque sic dixerim, pugnare in proelio disceret. (Tac, De Orat, XXXIV)

“Por conseguinte, entre os nossos ancestrais, esse jovem, que era preparado para o foro e a eloquência, já imbuído de disciplina doméstica, nutrido de honrado estudo, era levado pelo pai ou por parente próximo a um orador, que mantinha um cargo preeminente na cidade. Acompanhava-o, atendia-o, comparecia com interesse a todos os seus discursos fosse no tribunal, fosse na assembléia, para que, assim, anotasse as altercações e se acostumasse às discussões, até que, de fato, por assim dizer, tivesse aprendido a lutar no campo de batalha.”

A excelência dos ensinamentos da retórica antiga reside exatamente em sua aplicabilidade. A formação retórica, aqui, se completa, em outros termos, com a passagem da teoria à prática. Desta forma, ao enfatizar as escolhas (o “como agir”), ela viabiliza a afirmação do ser ético, conforme o prescreve a metafísica aristotélica, pois “para Aristóteles, as ciências práticas eram a política, a economia, a retórica e a ciência militar; a ética é parte fundamental da política” (ABBAGNANO, 2000, p.785b). Mas, se ela, como quer Messala, é superior, deve ter havido, em algum momento, uma mudança histórica de rumo. Do que foi visto mais acima, não é difícil entender que essa mudança e, portanto, a responsabilidade pelo declínio, caberá aos estóicos. Rememorando os requisitos e leituras necessárias para a boa formação retórica, Messala encerra afirmando: “Neque enim sapientem informamus neque Stoicorum comitem, sed eum qui quasdam artis haurire, omnes libare debet.” (De

Orat, XXXI) (“E também não estamos a formar um sábio, nem um camarada dos estóicos, mas alguém que deve haurir da arte de tais coisas e degustá-las todas.”) Em outros termos, a excelência da formação retórica deve prever o afastamento da educação preconizada pelos estóicos, vistos como um obstáculo à sua realização. Ao retomar a palavra, já melhor convencido da excelência da atividade oratória, Materno, referindo-se às lutas de fins do período imperial, pondera:

Nostra quoque civitas, donec erravit, donec se partibus et dissensionibus et discordiis confecit, donec nulla fuit in foro pax, nulla in senatu concordia, nulla in iudiciis moderatio, nulla superiorum reverentia, nullus magistratum modus, tulit sine dubio valentiorum eloquentiam, sicut indomitus ager habet quasdam herbas laetiores. (Tac, De Orat, XL)

“Assim nossa cidade, no momento em que ficou sem rumo, e desfez-se em discórdias, dissensões e facções, nem paz houve no foro, nem concórdia no senado, nem moderação no tribunal, nem respeito aos superiores, nem postura nos magistrados, sem dúvida manteve uma eloquência vigorosa, tal como um campo selvagem tem certas ervas mais verdejantes.”

Materno, então, reconhece como o grande problema da retórica sua contemporânea a manutenção de uma forma própria dos turbulentos anos do final da era republicana, em que, falando para acirrados adversários, era preciso literalmente derrotá-los na “guerra das palavras”, o que justificava o emprego de todo o “arsenal” argumentativo. Nos tempos modernos, no entanto, tal não aconteceria, por, em seu ponto de vista, haver consenso (em torno, obviamente, de Vespasiano) e o discurso oratório poder e dever, assim, despir-se de tanta ornamentação, tornada agora desnecessária.

4. Conclusão

Do que foi dito, a arte retórica tal como apresentada no *Dialogus de Oratoribus* se encerra afirmando, por cima de suas várias idéias em debate, um senso comum da relação inquebrantável entre retórica, educação e história, e também a necessidade de se levar esta tríplice relação em conta, sob pena de a palavra não poder mais exprimir, com toda a sua força, o ser ético.

5. Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DIO, Cassius. *Roman history*. Trad. Ingl. por Herbert Baldwin Foster. Publicação eletrônica: <http://www.gutenberg.org/files/10890/10890-h/10890-h.htm#b66> Acesso em: 31/01/2009

HARVEY, Paul (org.). *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

SUETONIUS TRANQUILLUS, Gaius. *De rhetoribus*:

<http://www.thelatinlibrary.com/suetonius/suet.rhet.html> Acesso em: 30/01/2009.

TACITUS, Publius (Gaius) Cornelius. *Dialogus de oratoribus*. Publicação eletrônica: http://www.sacred-texts.com/cla/tac/index.htm#section_004 <http://www.sacred-texts.com/cla/tac/o01000.htm>

<http://www.sacred-texts.com/cla/tac/o01010.htm> <http://www.sacred-texts.com/cla/tac/o01020.htm>

<http://www.sacred-texts.com/cla/tac/o01030.htm> <http://www.sacred-texts.com/cla/tac/o01040.htm> Acesso em: 31/01/2009.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Introdução à Ética Filosófica, I*. Escritos de Filosofia IV. 2ed. São Paulo: Loyola, 2002.

(recebido para publicação em 01-02-09; aceito em 15-02-09)